

ISSN 2177-7365

BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

08

2013



ISSN 2177-7365

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

08



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

**Reitora**

Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

**Vice - Reitora**

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

**Diretora do Museu**

Profª Drª Regina Célia Alegro

**Coordenação Geral**

Profª Drª Regina Célia Alegro

**Editores Revisão de texto**

Profª Drª Regina Célia Alegro Projeto Disque-Gramática/Uel  
Rosângela Ricieri Haddad

**Comissão Executiva**

Barbara Daher Belinati  
Célia Rodrigues de Oliveira  
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

**Projeto Gráfico e Editoração**

Estúdio Pictolab

**Foto capa e contra capa**

Capa: Rui Cabral - acervo do MHL  
Contracapa: Rui Cabral - Exposição Indígenas no Norte do Paraná - Acervo MHL

**Impressão**

Midiograf

**Fonte:**

Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.  
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de  
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade Estadual  
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

# SUMÁRIO

## **Apresentação**

*Regina Célia Alegro*..... 05

## **1. Projeto**

1.1. A Maria Fumaça se Renova:  
conservação do patrimônio e preservação  
da memória em Londrina..... 06

## **2. Exposição**

2.1. Povos Indígenas no Norte do Paraná..... 07

## **3. Artigos**

3.1. Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia:  
uma das fundações da Missão Jesuítica de  
San Joseph, Guairá, século XVII  
*Clandia Inês Parellada*..... 08

3.2. Conservação e Preservação do Acervo Fotográfico  
no Museu Histórico de Londrina  
*Célia Rodrigues de Oliveira*  
*Lucinéia Chamorro e Silva*..... 13

3.3. Brincando com o Passado:  
uma experiência de ação educativa  
*Tamiris Helena Doratiotto*  
*Vagner Henrique Ferraz*..... 20

3.4. Breve História do Cinema de Londrina - Parte 2  
*Luís Henrique Mioto*..... 26

## **4. Entrevista**

4.1 Maria Adam Caldana..... 31

**5. ASAM**..... 34



A atuação do Museu Histórico de Londrina está claramente caracterizada pela busca de diálogo e de novas narrativas. Por isso tem procurado o aprimoramento na forma de elaborar e socializar o conhecimento e estratégias metodológicas que lhe permitam concretizar sua missão de museu universitário, portanto, lugar de pesquisa, de extensão e de ensino.

A oitava edição do seu Boletim expressa esse contexto. Relativamente à discussão da exposição *Povos Indígenas no Norte do Paraná*, traz o artigo de Claudia Parellada (Museu Paranaense) sobre o *Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia*, uma das fundações da Missão Jesuítica de San Joseph no século XVII. Muito oportuno é o escrito de Célia Rodrigues de Oliveira (Setor de Imagem e Som do MHL) e Lucinéia Chamorro e Silva (Museu de Arte de Londrina), *Conservação e Preservação do Acervo Fotográfico no Museu Histórico de Londrina*, tratando de procedimentos técnicos realizados para a preservação do patrimônio fotográfico. Luis Henrique Miotto (Cineclubes Ahoramágica e Associação Alma Brasil) contribui para nossa reflexão com a segunda parte (final) da *Breve História do Cinema de Londrina*. Os bolsistas Tamiris Helena Doratiotto Baldo e Vagner Henrique Ferraz discorrem sobre o acervo em exposição e suas possibilidades no artigo *Brincando com o Passado: uma Proposta de Ação Educativa em Museus*.

A exposição *Povos Indígenas no Norte do Paraná* é uma experiência de diálogo intenso com as comunidades indígenas, museus da região, a CUIA (Comissão Universidade para os Índios) e com pesquisadores de diferentes áreas. A pesquisa inicial será prolongada no Museu, assim como a coleta de materiais para as memórias indígenas na região.

Ainda, o projeto *A Maria Fumaça se Renova*, complementar do processo de restauro da locomotiva Baldwin Tenwheeler e seu tender de abastecimento, prioriza a reposição de peças originais desaparecidas ou danificadas. Restaurada, a locomotiva ficará exposta na plataforma do Museu.

As questões apresentadas nessa edição indicam que construir conhecimento no espaço do Museu não é simplificar, pelo contrário, é reinterpretar buscando novos canais para trocas culturais em favor da preservação e da memória.

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Célia Alegro*  
*Diretora do Museu Histórico de Londrina*

## 1. PROJETO

### 1.1. A MARIA FUMAÇA SE RENOVA: conservação do patrimônio e preservação da memória em Londrina

Com o apoio do PROMIC o Museu Histórico de Londrina está providenciando o reparo da chaparia da locomotiva Baldwin Tenwheeler 4-6-0 e seu tender de abastecimento, o que inclui serviços de funilaria, jateamento e pintura anticorrosiva.

Para complementação do processo de restauro foi elaborado um novo projeto que visa providenciar a aquisição e/ou confecção de peças danificadas ou desaparecidas, de modo a garantir a sua adequada caracterização da máquina e seu tender.

A locomotiva já pertenceu à extinta Companhia Douradense de Estradas de Ferro – CDEF. Fabricada em 1910 pela Baldwin Locomotive Works (Filadélfia, EUA), após quase 70 anos de seu uso em serviço, foi descomissionada e permaneceu durante 30 anos como “atração turística” no Parque da Uva, no município de Jundiáí-SP e depois, em 2004, foi transferida para a Universidade Estadual de Londrina (UEL) para fins de “preservação e memória das tradições e do patrimônio histórico-ferroviário” (convênio RFFSA e UEL nº 038/2004-anexo 5). O tempo de uso provocou danos e perdas de peças originais da locomotiva. Nesse processo, a reposição dessas peças complementa e valoriza o acervo e o investimento público até aqui realizado. Como já afirmamos, a pesquisa realizada no Museu Histórico resultou na indicação da necessidade de aquisição de material de restauro para substituição dessas peças. Considerando ser a locomotiva destinada à exibição permanentemente estática, caso não haja possibilidade de acesso a peças originais, as suas partes móveis visíveis se valerão de réplicas confeccionadas após pesquisa e desenho técnico.

A importância da locomotiva Baldwin relaciona-se diretamente com as vivências cotidianas daqueles que migraram para a região e construíram a cidade que herdamos. Milhares de pessoas, ao longo dos anos 1930 e seguintes desembarcaram na mesma plataforma onde, em breve, serão expostos a locomotiva e seu tender restaurados. A preservação da locomotiva Baldwin caminha no sentido de realizar a possibilidade de acesso, cultivo e controle de elementos de identidade local e grupal vinculados à locomotiva, ao trem de ferro em Londrina. A recuperação da locomotiva associa-se ao processo de construção da cidadania pelos londrinenses.

## 2. EXPOSIÇÃO

### 2.1. POVOS INDÍGENAS NO NORTE DO PARANÁ

O Museu Histórico de Londrina apresenta a exposição *Povos Indígenas no Norte do Paraná*, relembrando a riqueza das culturas Kaingang, Guarani e Xetá. Embora haja indícios arqueológicos da presença de seus ancestrais há milhares de anos, a exposição toma como marco inicial o século XVI, a chegada dos europeus e o início do contato e das trocas culturais na região.

Pensar a trajetória dos diferentes grupos indígenas implica em reconhecer como fundamental o respeito a diferentes tradições e que a herança cultural indígena é essencial para a rica diversidade brasileira. Compreender as culturas e os direitos indígenas é voltar os olhos para dentro de nós mesmos, é manter viva a nossa identidade pluriétnica. Implica, também, compreender a invenção do norte do Paraná como uma construção histórica.

Os povos indígenas explicam e interpretam o universo, observando os céus e os ciclos naturais da Terra. Produzem uma teoria da “ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena” (*Silva, 1995*). Os sentidos e os significados construídos pertencem a um sistema cultural que envolve linguagem, utilização de recursos naturais, rituais e espiritualidade.

Estes e outros assuntos são trazidos como temas da exposição pretendida. Tais questões, como a origem da vida, os modos de sobrevivência, o saber fazer, a concepção de morte, pertencentes ao campo do patrimônio imaterial, bem como a própria materialidade, por meio de objetos do passado e do presente, constituem importantes ferramentas para discutir e esclarecer a presença indígena local e a polifonia que caracteriza a cidade de Londrina. Uma exposição abordando a cultura indígena local em suas especificidades e em sua diversidade constitui oportunidade de levantamento, registro, estudo e debate acerca das experiências históricas que marcam a cidade de Londrina e região.

A manutenção e a disponibilização do acervo identificado para consulta com incremento de ações nesse sentido, através da publicação de catálogo e da conservação e pleno acesso ao acervo físico e digitalizado, a preparação de uma exposição, demandam pesquisa, organização e tratamento do acervo em questão. Os trabalhos de laboratório, pesquisa, redação e montagem de exposição serão realizados pelos técnicos, pesquisadores e bolsistas desse Projeto e estagiários.

O debate proposto na exposição será ampliado por meio da itinerância e do diálogo entre instituições museais das cidades vizinhas – e do Paraná, como o Museu Paranaense, Museu da Imagem e Som, de Curitiba, FUNAI Londrina e Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPr, que guardam acervos relacionados ao tema em questão. Por outro lado, a visível carência de referências para a elaboração materiais de ensino básico relativos à temática aqui proposta, o desconhecimento e até o preconceito constatado entre a população em geral, justificam o esforço de localizar e refletir sobre os objetos, documentos e narrativas relativas aos povos indígenas no norte do Paraná por meio de uma exposição museal e seus produtos agregados. Trata-se de contribuir para a entrada, de modo mais vigoroso e positivo, das culturas indígenas na cultura, no imaginário, na memória e na história local e regional.

### 3. ARTIGOS

#### 3.1. SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA SANTA DALMÁCIA: uma das fundações da Missão Jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII

*Claudia Inês Parellada\**

##### **Resumo:**

*O Guairá, que englobava parte do Paraná nos séculos XVI e XVII, pertencia à Espanha, com cidades fundadas a partir de 1554. A resistência indígena, Guarani e Jê, acelerou a criação de 15 missões jesuíticas fixas na região, entre 1610 e 1628, sendo as primeiras e maiores, Loreto del Pirapó e San Ignacio Mini, no vale do Paranapanema. A missão de San Joseph, de curta duração, foi estabelecida inicialmente no vale do Tibagi, e depois transferida para área próxima ao rio Vermelho, no atual município paranaense de Cambé. As mudanças das missões aconteciam devido aos ataques constantes de expedições paulistas, que capturavam indígenas para trabalhos, em São Paulo e Rio de Janeiro, especialmente em plantações e engenhos de cana-de-açúcar. Em 1631 ocorreu a investida final nas missões, e até 1632 as cidades espanholas também estavam destruídas. Foram analisados documentos impressos e imagéticos, além de coleções do Museu Histórico de Cambé.*

**Palavras-chave:** *Missões Jesuíticas, Arqueologia Colonial, Guairá, Memória, Museu Histórico de Cambé, Cerâmica Colonial.*

##### **Introdução: A Província del Guairá**

A preservação de sítios arqueológicos de alta relevância no Paraná, como são os relacionados às missões jesuíticas do século XVII, pode iluminar um passado pouco conhecido, e também promover a implantação de ações estratégicas de turismo cultural e educação patrimonial no norte do Paraná.

Na metade do século XVI, os espanhóis iniciaram a colonização da *Província del Guairá*, que abrangia praticamente todo o Estado do

---

\*- Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo - USP. Arqueóloga do Museu Paranaense/ Secretaria de Estado da Cultura do Paraná – SEEC-PR, e-mail: claudiaparellada@sec.pr.gov.br

Paraná, observar figura 1. Houve a fundação de três cidades: Ontiveros e *Ciudad Real del Guairá*, no vale do rio Paraná, e *Villa Rica del Espíritu Santo*, primeiro junto ao rio Santo Rei, afluente do Cantu, e depois transferida para junto à foz do Corumbataí no Ivaí, área do atual Parque Estadual de Villa Rica, no município de Fênix, Paraná. Os espanhóis realizavam com mão-de-obra indígena, através do sistema de *encomiendas*, a extração e o processamento da erva-mate, além do cultivo de plantas como a cana-de-açúcar (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1956; CHMYZ, 1976; PARELLADA, 1997, 2011).

A Coroa da Espanha, buscando ampliar as cidades e diminuir os conflitos com os indígenas, fomentou, a partir de 1610, a criação de 15 missões jesuíticas fixas no Guairá. Estas missões, em sua maioria, eram formadas sobre antigas aldeias Guarani, inclusive a de San Joseph, e quatro delas sobre aldeias Jê, observar figura 1.

Uma das fundações da missão de San Joseph, que teve curta duração, entre 1625 e 1631, está inserida no atual município de Cambé, Paraná.

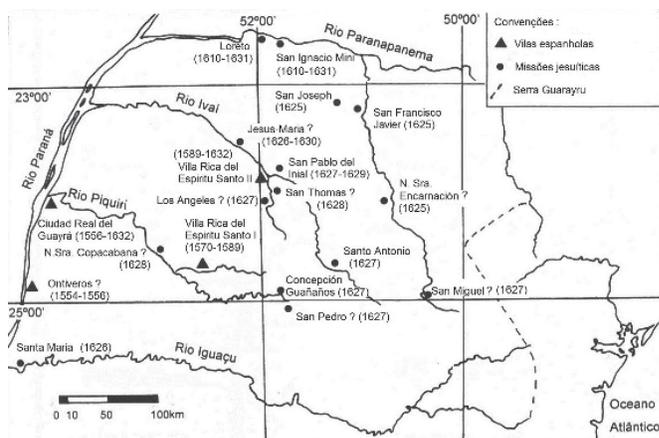


Figura 1 - Mapa de localização da Província del Guairá, com as comunidades espanholas e missões jesuíticas do final do século XVI/ início do século XVII (PARELLADA, 1997).

Nestas missões os padres tinham como objetivos: catequizar os indígenas - batizando-os e instruindo-os na fé católica, ensinar novos ofícios, além de música e artes visuais, ajudar na recuperação de enfermos de epidemias de gripe e varíola, ministrar sacramentos aos mortos, convencer os Guarani a abandonar a poligamia e a antropofagia, amenizar os conflitos

entre espanhóis e indígenas, defender a Coroa espanhola ao denunciar e lutar contra as invasões paulistas no Guairá.

Algumas missões do Guairá duraram pouco tempo, como a de *San Joseph*, entre 1625 e 1631, e eram transferidas à medida dos ataques dos paulistas, o que provoca dificuldades na localização desses sítios coloniais. Afinal, as evidências arqueológicas encontradas muitas vezes se assemelham a de grandes aldeias da etnia Guarani, e somente com uma análise refinada dos materiais, somada a presença de estruturas em taipa de pilão e alvenaria em pedra, e a dados recuperados em documentos impressos, estes sítios históricos podem ser caracterizados de forma definitiva.

É importante destacar que até 1631 os bandeirantes paulistas já tinham destruído todas essas missões, e em 1632 também provocaram a transferência, além Paraná, de *Ciudad Real del Guairá e Villa Rica del Espiritu Santo*.

### **Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: Histórico das Pesquisas**

No início da década de 1990, os arqueólogos Odemar Blasi e Miguel Leoni Gaissler, estudaram o sítio Fazenda Santa Dalmácia, no município de Cambé, que possuía grandes dimensões e muitos materiais cerâmicos aflorando, alguns praticamente inteiros. Foram realizadas coletas superficiais, prospecções e escavações, observar maiores dados em Blasi & Gaissler (1991), e figura 2.



Figura 2 - Pesquisadores Oldemar Blasi e Miguel Leoni Gaissler escavando o sítio Fazenda Santa Dalmácia, município de Cambé- Paraná, acervo Museu Histórico de Cambé (fotografia: César Cortez).

Entre 1991 e 1993, alunos do Curso de Artes e Design da Universidade Estadual de Londrina, com orientação da Prof. Maria Sherlowski e da

arqueóloga Dra. Cláudia Inês Parellada do Museu Paranaense, em colaboração com o Prof. Dr. Carlos Appoloni, coordenador do Laboratório de Física Nuclear da UEL, realizaram estudos mais detalhados dos vestígios recuperados por Blasi e Gaissler.

Parellada (2009, 2011) ampliou as análises sobre os materiais sob guarda do Museu Histórico de Cambé, especialmente em cerâmica, evidenciando o contato do Guaraní com o europeu através do uso intensivo da pintura vermelha nas superfícies externas e internas dos vasilhames, além de formas características como bases de estatuetas, asas, alças e bases planas, entre muitos outros dados levantados, observar figuras 3 a 5. Também foram identificadas estruturas em imagens de satélite, e o sítio caracterizado como uma das fundações da Missão Jesuítica de *San Joseph*, financiada pela Coroa espanhola, que existiu no Guairá no início do século XVII.

As coordenadas em UTM- SAD 69 do ponto central deste sítio histórico são N- 7.444.505m e E- 467.460m, 22 sul, com os vestígios ocorrendo em área com diâmetro de 400m, em matriz de sedimentos argilo-arenosos marrom avermelhados com embasamento de rochas básicas Lavas da Serra Geral.

É fundamental e urgente a proteção da área deste sítio arqueológico: Fazenda Santa Dalmácia para que novos estudos possam detalhar a memória colonial da região e revelar de forma mais ampla um importante capítulo da história do Paraná.



Figura 3 – Vasilhame cerâmico Tupiguarani com influência europeia, com pintura em vermelho e preto, recuperado no sítio Fazenda Santa Dalmácia, município de Cambé-Paraná, acervo Museu Histórico de Cambé (fotografia: Cláudia Parellada).



Figura 4 – Algumas bases cerâmicas, do sítio Fazenda Santa Dalmácia, características dos séculos XVI e XVII no Guairá, acervo Museu Histórico de Cambé (fotografia: Cláudia Parellada).



Figura 5– Algumas alças e asas cerâmicas do sítio Fazenda Santa Dalmácia, acervo Museu Histórico de Cambé (fotografia: Claudia Parellada).

## BIBLIOGRAFIA

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.76, 1956.

BLASI, Oldemar & GAISSLER, Miguel A. L. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia. *Arquivos do Museu Histórico de Cambé, Publicações Avulsas*, Nota Prévia, Arqueologia, 10p. 1991.

CHMYZ, Igor. Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real de Guairá. *Cadernos de Arqueologia*, MAAP, Paranaguá, n.1, p.7-103, 1976.

PARELLADA, Claudia Inês. *Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix - PR*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia/ UFPR, 1997.

PARELLADA, Claudia Inês. Paraná espanhol; cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: SEEC -PR. *Missões: conquistando almas e territórios*. Curitiba: SEEC-PR, p.59-79, 2009.

PARELLADA, Claudia Inês. *Resistência e mudança Guarani: a linguagem visual das missões jesuíticas no Guairá*. Anais da IX Reunião de Antropologia do Mercosul, Curitiba, [www.academia.edu/4271792/](http://www.academia.edu/4271792/), UFPR, 2011.

### 3.2. CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO NO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

*Célia Rodrigues de Oliveira\**

*Lucinéia Chamorro e Silva\*\**

#### **Resumo:**

*Trata do caminho trilhado pelas fotografias doadas por famílias e instituições públicas ao acervo do Museu Histórico de Londrina, enfocando o estado em que são recebidas pela instituição e quais os procedimentos realizados para a preservação das mesmas. Ressalta a importância da preservação do patrimônio fotográfico para que seja usufruído por todos que buscam o acesso à memória histórica.*

**Palavras-chave:** *Fotografia; Conservação; Patrimônio e memória.*

O Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, inaugurado em 18 de setembro de 1970, pertence a Universidade Estadual de Londrina e ocupa o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina desde 10 de dezembro de 1986, localizado na área central de Londrina e considerado um patrimônio cultural da cidade e região.

O museu possui quatro setores: de Imagem e Som, de Objetos, de Biblioteca e Documentação e de Ação Educativa. O setor de Imagem e Som possui 70.000 peças em diversas coleções constituídas de fotografias, álbuns fotográficos, negativos de vidro e flexíveis, diapositivos, filmes de 16mm e 35mm, quadros, discos, CDs, Dvds e depoimentos orais em fitas K7 e em vídeo. O acervo é proveniente de instituições públicas e coleções particulares, produzidas por fotógrafos anônimos, amadores e profissionais da cidade, a partir do final da década de 1920. (MHLPCW, 2010).

O setor de Imagem e Som conta com um laboratório fotográfico que executa o trabalho de reprodução, revelação e ampliação fotográfica para registro das atividades desenvolvidas pelo museu, assim como para o trabalho de conservação fotográfica.

---

\*- Graduada em Ciências Sociais (UEL), especialista em Patrimônio Cultural e Identidades (UNIFIL). Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”.

\*\* - Graduada em Educação Artística e em História, e especialista em Filosofia (UEL), especialista em Patrimônio Cultural e Identidades (UNIFIL). Museu de Arte de Londrina.

A escolha de pesquisar no arquivo fotográfico do Museu Histórico de Londrina para realizar o estudo de caso, fundamenta-se na sua importância, por conter um valioso acervo de imagens que guardam a memória e fazem parte do patrimônio cultural da cidade.

Os documentos fotográficos desta instituição vêm sendo utilizados como fontes para pesquisas em várias áreas do conhecimento. Daí a importância de organizar e tratar tecnicamente, a fim de que sejam disponibilizados e usufruídos pelos pesquisadores de forma rápida e eficiente. O Museu no trabalho diário de guarda e conservação utilizam de ações preventivas para salvaguardar a memória fotográfica.

Para realizar o estudo aqui apresentado foi elaborada uma ficha de coleta de dados para análise das imagens e identificação de danos – e seu grau – sofridos ao longo do tempo pelas fotografias no seu local de origem. A mesma foi baseada na Ficha de Coleta de Dados utilizada pelo Centro de Conservação e Preservação da FUNARTE.

Na ficha *Diagnóstico das Imagens* consta o nº de registro, coleção, autor, processo fotográfico e a descrição das características de deterioração observadas na imagem e/ou suporte.

Na análise documental constatou-se que o estado de conservação das 07 (sete) imagens coletadas por amostragem das coleções fotográficas do Museu, recebidas em doação, possui marcas deixadas sobre o suporte decorrentes da má conservação e guarda inadequada por parte dos seus antigos proprietários. Indiscutivelmente, a maioria dos danos infligidos às fotografias é causada por seres humanos. Existem incontáveis exemplos de danos causados por manuseio, falta de cuidado, negligência, acidentes evitáveis, tentativas de conservação desastradas ou mal informadas e até mesmo danos intencionais (MUSTARDO; KENNEDY, 2001, p. 15).

Nas fotografias analisadas encontramos diversos danos físicos, químicos e biológicos que descrevemos abaixo. Como característica principal todas as fotografias são de autores desconhecidos com exceção de duas e foram produzidas pelo processo gelatina com exceção da foto número três e todas apresentam sujidades.

Foto 01- O médico Dr. Jonas Farias de Castro e amigos, participando do XX Congresso Brasileiro de Cirurgia, Rio de Janeiro, 11 a 16 de Julho de 1971. Autor desconhecido.



**Diagnóstico:** Apresenta delaminação no canto superior esquerdo. Segundo Mosciario (2009, p. 36), a delaminação ocorre especialmente nos suporte mais espessos que tendem a ter as camadas separadas nos cantos e bordas. O início de amarelecimento por falta de lavagem pós-fixação, danos por insetos (traça), abrasão provocada por arranhões devido ao manuseio inadequado. No verso inscrições a tinta.



Foto 02 – Jovelino Rufino de Souza, fotógrafo Lambe-Lambe de Londrina. s/d. Autor desconhecido

**Diagnóstico:** A imagem apresenta estado avançado de deterioração. Papel brilhante com abrasão, início de espelhamento (aparência metalizada) e amarelecimento. Falta de parte da superfície do papel (emulsão) devido à retirada da fita adesiva na parte inferior. Manchas por umidade. Danos provocados por excrementos de insetos. No verso apresenta manchas por umidade e inscrições com lápis e tinta.

Foto 03 – Retrato de Willie Brabazon da Fonseca Davids, primeiro Prefeito eleito de Londrina. 1900. Autor: Cheltenham. 23º Promenade Studio



**Diagnóstico:** Processo em Colódio. Cartão Cabinet. Apresenta deterioração pela ação do tempo e manchas provenientes da falta de lavagem suficiente do fixador ou ainda pelo tipo de cola utilizada na fixação da

cópia sobre a base. Na borda apresenta amassamento e delaminação do suporte secundário. Verso do suporte manchas e delaminação nos cantos com perda.



Foto 04 – Elizabeth Fiori, filha de Spartaco Bambi - agrimensor e sua afilhada. 1939. Autor desconhecido.

**Diagnóstico:** Revelação com processo de viragem em sépia. Apresenta danos físicos como: perda de emulsão, fraturas. Início de espelhamento e amarelecimento com perda de suporte canto inferior esquerdo. No verso da imagem encontramos carimbo e manchas por umidade.

Foto 05 – Michel Surjus e trabalhadores. s/d. Autor desconhecido.



**Diagnóstico:** Impressa em papel cartão. Apresenta estado de deterioração, esmaecimento por falta de lavagem pós-fixação, rasgo na parte superior, abrasão, espelhamento (aparência metalizada) devido à ação do tempo e descuido no manuseio e guarda por parte do proprietário. No canto direito apresenta fratura e delaminação nos demais cantos. Ainda podemos observar a perda de emulsão por danos de insetos. Marca de tinta azul na parte inferior esquerda. O verso apresenta inscrições com tinta preta, marcas de carimbo e perdas de suporte.



Foto 06 – Time de futebol do Esporte Clube de Londrina. 20.01.1935. Autor José Juliani.

**Diagnóstico:** Processo gelatina. Está foto apresenta estado avançado de deterioração. Sujidades. Colada em papel cartão impresso.

Amarelecida, fraturas, abrasões, rasgada, perdas do suporte da emulsão. Esta imagem mostra os danos sofridos pela ação do tempo e o descuido no manuseio.

Foto 7 – Alunos da Escola de Acordeon de Londrina, final da década de 1950. Autor desconhecido.



**Diagnóstico:** A imagem está comprometida com estado avançado de deterioração. Amarelecimento da imagem por falta de lavagem pós-fixação, rasgo na parte superior com perda de suporte e fita adesiva (durex). Apresenta ainda perdas da emulsão. Danos por insetos (traça), retoque mal feito com caneta esfrográfica. Excremento de insetos. No verso parte superior fita adesiva e mancha de cor marrom na lateral direita.

O Museu Histórico recebeu estas fotos, segundo o diagnóstico realizado, em estado de má conservação. Conforme a literatura consultada, para solucionar esses diversos problemas apresentados e estabilizar o processo de deterioração do material fotográfico, são necessários, principalmente, funcionários treinados e ações desenvolvidas pela administração para processos de conservação e preservação.

No museu as fotografias diagnosticadas são encaminhadas para o setor de higienização para a limpeza química que utiliza solventes orgânicos, quando necessário, e limpeza mecânica para remover as sujidades da base quanto da emulsão fotográfica utilizando um pincel macio para não provocar abrasões na imagem e no verso trouxe de algodão com pó de borracha TK. O tratamento de higienização deve ser feito com cautela e em local adequado e utilizando equipamentos de segurança.

Essas imagens após serem higienizadas e tratadas devem ser reproduzidas ou digitalizadas, essa política contribui para a preservação do material fotográfico original, uma vez que garantem aos pesquisadores o acesso as imagens de diversas épocas sem a necessidade de retirar os originais do seu ambiente de guarda climatizado. Os originais são armazenados nos armários de aço deslizante e acondicionados em jaquetas de poliéster com suporte de papel filifold ou envelope de salto neutro e acondicionado em pastas suspensas. (MUSTARDO; KENNEDY, 2001, p.13).

O Museu procura utilizar todos os métodos e equipamentos disponíveis para a conservação e preservação do acervo. A instituição busca constantes treinamentos através de cursos para os servidores e aperfeiçoamento dos processos com a captação de recursos por meio da participação de editais das Leis de Incentivo a Cultura nas diversas instâncias, para compra e manutenção de equipamentos para manutenção do microclima no espaço de guarda dos materiais fotográficos. Numa reserva técnica são fundamentais os equipamentos de controle de umidade, temperatura, qualidade do ar e luminosidade. A recomendação para o controle da umidade e temperatura para a conservação dos materiais fotográficos em um ambiente climatizado, requer uma taxa de umidade relativa do ar entre 30- 50% + ou - 5% (nunca acima de 60%) e temperatura entre 15° e 18° C (nunca acima de 30°C). (FILLIPI, 2002, p.50).

## **Considerações Finais**

Sumariamos o funcionamento de um equipamento de memória localizado em Londrina (PR) relativo à preservação da memória imagética e o patrimônio cultural da região norte do Paraná. Como outras instituições, possui problemas como prédio adaptado e a limitação de recursos financeiros para manter o acervo de fotografias conservado e preservado adequadamente, condições arduamente buscadas através de projetos.

A maioria das fotografias chega ao Museu em mau estado de conservação. Os danos são provocados pela falta de conhecimento dos doadores sobre como conservar o material fotográfico. As amostras aqui apresentadas são datadas do ano de 1900 a 1975, e em sua maioria apresentam desgastes das imagens provocadas pela falta de lavagem pós fixação que causam o amarelecimento das imagens e dobras causadas pelo acondicionamento e manuseio inadequados em seu local de origem. Marcas de caneta e perda de emulsão que causaram sérios prejuízos a imagem, manchas por umidade provocadas pelo local de guarda inapropriado. Outros danos encontrados foram resíduos e fitas adesivas.

O trabalho da equipe técnica do Museu é fazer com que as fotografias recebidas em doação possam ser conservadas e os problemas possam ser estabilizados evitando-se maiores danos físicos às imagens. Os problemas levantados ressaltam a importância da conservação da documentação imagética como fonte documental relevante para preservação da memória de Londrina e Região Norte do Paraná.

## BIBLIOGRAFIA

COSTA, Marilene Fragas. *Noções básicas de conservação preventiva de documentos*. Centro de Informação Científica e Tecnológica Biblioteca de Manguinhos Laboratório de Conservação Preventiva de Documentos, 2003.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Como tratar coleções de fotografias*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MOSCIARO, Claro. Diagnóstico de conservação em coleções fotográficas. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009. 56p. (Caderno Técnico, n.6).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu Histórico De Londrina Padre Carlos Weiss. *Catálogo do Museu Histórico de Londrina*. Jul. 2010. MIDIOGRAF, p.30.

MUSTARDO, Peter; KENEDY, Nora. *Preservação de Fotografias: Métodos básicos para salvaguardar suas coleções*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”. *Catálogo do Museu Histórico de Londrina*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p8.

### 3.3. BRINCANDO COM O PASSADO: uma experiência de ação educativa

Tamiris Helena Doratiotto Baldo\*

Vagner Henrique Ferraz\*\*

#### **Resumo:**

*Relata-se projeto que visa aproximar alunos do ensino fundamental do espaço museológico através do contato com objetos em exposição no Museu Histórico de Londrina e da realização de brincadeiras e outras atividades em vista do reconhecimento da historicidade dos objetos museais. A ação favorece também a constituição de uma identidade positiva no grupo familiar. Tomou-se como referência o conceito de objeto gerador, tal como proposto por Ramos (2004) e que a identidade se constrói por meio de processos de assimilação e diferenciação (BEZERRA, 1993). Conclui-se que o ato de brincar, além de prática histórica, também pode ser ensinado/vivenciado como prática cultural, um dos elementos que constituem a identidade pessoal e coletiva.*

**Palavras-chave:** *Brincadeiras infantis; Museu Histórico de Londrina; Ação educativa*

É comum entre escolares que visitam o Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (MHL) a idéia de que em um museu só existe um ajuntamento de coisas velhas, do passado. Ainda hoje o museu pode ser imaginado como os antigos *gabinetes de curiosidades* do século XVI, um agrupamento de objetos exóticos e antigos pertencentes aos “coleccionistas”.

A coleção do Museu é constituída também por objetos antigos, mas há um sentido que atualiza a sua presença no espaço museal. Esse sentido não está no acervo, mas naqueles que os observam e interpretam. Segundo Ramos (2004), não há exposição inocente. Os objetos colocados ali expressam resultado de escolhas daqueles que montaram a exposição, sejam elas coletivas ou individuais, em outras palavras, há uma intencionalidade que busca atingir determinado objetivo. Ainda segundo o autor, os objetos, ao tornarem-se parte do acervo do museu, perdem sua

---

\*- Bolsista USF/SETI

\*\*- bolsista MEC/SESU. Orientadora Profª Drª Regina Célia Alegro, Programa Contação de Histórias no Norte do Paraná. Projeto “O Museu vai à Escola”, do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (UEL).

antiga função, já que estão deslocados de uso na vida cotidiana e deixam de atender aquela função específica tornando-se agora ponto de partida de inúmeras interpretações.

Juntamente com a idéia de que o museu é depósito de “tranqueiras” está a concepção de que a história ensinada na escola é chata e consiste em decorar fatos, datas e nomes. Com a revolução documental que a historiografia dos *Annales* proporcionou, outros personagens começaram a fazer parte da narrativa histórica, mostrou-se que o passado não é exclusividade dos grandes heróis e nem dos grandes acontecimentos, enfim, é constituído de multiplicidades.

Buscando enfrentar as perspectivas mencionadas através de ações educativas do MHL, buscamos uma ação dirigida a crianças do ensino fundamental a partir dos objetos expostos na exposição permanente do Museu, em vitrines na terceira sala.

O objeto se configura como parte central de uma exposição, é principalmente a partir dele que a exposição toma corpo e sentido.

[...] o Museu é o local último no longo processo de perda de funções originais - ou processo de museificação - pelo qual o objeto atravessa. Fora de seu contexto original, valorizado por características a ele totalmente alheias, o objeto deixa de ser objeto e passa a ser “documento” e aquilo que ele tem de mais intrínseco, que é ser produto e vetor da ação humana, conforme estudado por U. T. Bezerra de Menezes, não é levado em consideração. (SUASSANO apud NASCIMENTO, 1994, pág. 07)

O objeto em exposição perde seu valor como um instrumento de uso da vida cotidiana para no museu encarnar um novo significado. Ao passar a ser concebido como documento adquire um caráter específico referente da produção cultural de determinadas sociedades, grupos e indivíduos, embora não se desvincule de seu passado.

Ainda, os objetos quando estão em exposição contribuem no que diz respeito à identidade de determinado grupo. Segundo Bezerra (1993), a identidade se constrói por meio de processos de assimilação e diferenciação. No caso dos museus, um objeto pode servir tanto para aumentar ou dificultar a assimilação de um indivíduo em relação a determinado grupo.

Seguindo a proposta de Ramos (2004) pensamos no conceito *objeto gerador* como norteador em vista da aproximação dos alunos do contexto museológico e da sensibilização para as proposições da disciplina de

História no ensino fundamental. Busca-se introduzir um suporte de entendimento sobre o passado de maneira lúdica e relacionada com o cotidiano das crianças, e desta forma, facilitar a formação de conceitos e ideias.

O projeto consiste em utilizar os brinquedos expostos no MHL como objeto gerador. Sobre o termo, pode-se definir que:

Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história. É plausível defender que uma das possibilidades para o início de uma alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados.  
[...]

Escolhido o objeto, a partir de sua inserção significativa na vida cotidiana, há de se ter a criação de mais uma atividade que explicita melhor a própria relevância do objeto para quem o colocou na qualidade de objeto gerador. Tudo indica que a via mais frutífera não é somente o implementar a discussão coletiva em torno do objeto escolhido. Em certas ocasiões, torna-se mais profundo o exercício que chega à complexidade do objeto por meio da ficção, ou melhor, de uma narrativa que cada participante do grupo cria. (RAMOS, 2004, pág. 32)

Os brinquedos e as brincadeiras fazem parte do cotidiano das crianças em geral, portanto, mostram-se como objetos significativos em suas vidas. Esses objetos são ferramentas que podem ser utilizadas no ensino e aprendizagem sobre história e memória, uma vez que tem o potencial de relacionar a vida cotidiana com o que está exposto no museu.

O Museu Histórico de Londrina possui uma coleção de brinquedos, tanto expostos em sua galeria de longa duração, quanto em sua reserva técnica. Além dos brinquedos, o Museu conta com fotografias com representações de brincadeiras de roda. Na exposição podemos observar a existência de brinquedos tanto industrializados e importados quanto artesanais.

Existem dimensões funcionais e simbólicas inscritas no brinquedo. Podemos compreender essas dimensões a partir do material de que foi fabricado, da forma e/ou desenho, da cor, do aspecto tátil, do cheiro e dos sons nele encontrados. (PORTO, 2008, pág. 09)

O acervo do MHL favorece a noção de que o ato de brincar não está reservado a um grupo específico da população nem de uma geração, apenas se manifesta de maneira diferente no tempo, como lembra Porto:

A História, no entanto, não é única e linear. Existem povos que viveram processos distintos de desenvolvimento e que atribuem diferentes noções de família, adulto ou criança. Tal fato nos leva a perceber que os significados e valores dados aos brinquedos e brincadeiras vão variar de acordo com o tempo e com o contexto. (PORTO, 2008, pág. 27)

Para o desenvolvimento desta atividade é realizada uma preparação dos alunos em sala de aula (pré-visita), quando, orientados pelo professor, fazem entrevistas com seus pais e avós a respeito de brincadeiras e brinquedos da sua época, entre outras atividades. Depois é realizada uma visita à exposição permanente do Museu onde estão expostos vários brinquedos. Na seqüência o professor ou o monitor de visita estabelece discussões com os alunos abordando os seguintes pontos: se conhecem aqueles brinquedos, se algum ainda está presente em seu cotidiano, quais já não são muito comuns, se existe alguma relação desses objetos com pessoas de sua família. Enfim, busca-se fazer com que o aluno possa dialogar com os objetos, no caso os brinquedos. Desta forma busca-se estabelecer relações daquilo que é visto no Museu com o presente e o cotidiano dos alunos. Ao fim, é possível eleger alguns brinquedos e brincadeiras e realizá-las com as crianças.

Uma das brincadeiras propostas é a brincadeira de roda, a “ciranda”. Essa brincadeira se mostrava muito comum, os únicos elementos necessários, que são a voz e as pessoas que participam, eram facilmente encontrados nas famílias eram numerosas. Hoje, com menos filhos e no meio urbano, as brincadeiras e os brinquedos passaram a ser mais focados na ação individual. Mudou o modo de brincar.



Figura 1 - Crianças brincando na Escola Alemã - Heimtal – Londrina, década de 30.  
Autor Theodor Preising. Coleção família Davids. Acervo MHL.

Outra brincadeira destacada é a chamada “cinco marias” ou “bugalha”. Esta era uma brincadeira bem comum que eram utilizadas pedras, grãos de café, saquinhos costurados com feijão, pedras, milho. Consistia em jogar o objeto em questão para cima com a palma da mão a tentar pegar de volta com as costas da mão marcando-se a pontuação pela quantidade de objetos que fossem pegos. A escolha dessas duas brincadeiras foi determinada por ser algo simples e de fácil realização, podendo ser executadas tanto na escola quanto no espaço destinado a ação educativa no Museu.

Dentre os objetivos da atividade está o de propor ao aluno um modo de visitar o Museu, ou seja, de estabelecer uma interpretação para os objetos expostos. Utiliza-se dos brinquedos e brincadeiras para demonstrar a importância dos objetos e as narrativas que podem ser formuladas em relação aos mesmos, além de possibilitar a percepção de que cada visitante pode desenvolver uma interpretação própria com relação aos diferentes objetos. Também é possível estabelecer relações entre os objetos e o meio em que os mesmos se encontram.

Outro ponto enfatizado refere-se às mudanças ocorridas a partir do século XX nas maneiras de brincar e nos brinquedos, como coloca Porto (2008). As conseqüências do processo de crescimento das cidades e do êxodo rural atingiram essas práticas. Os brinquedos eram em sua maioria artesanais e somente grupos com maior poder aquisitivo poderiam possuir brinquedos industrializados. Além disso, a participação dos adultos nas brincadeiras e cotidiano das crianças foi se tornando rara.

O ato de brincar, além de prática histórica também pode ser ensinado/

vivenciado como prática cultural, um dos elementos que constituem a identidade de um povo e mostrar que essas práticas culturais não são atemporais, que se relacionam a determinados grupos de onde os alunos pertencem.

Essas atividades podem também contribuir para que o aluno estabeleça relações entre o passado e o presente. Como ainda são crianças desenvolverão uma percepção de passagem do tempo de forma concreta, observando que podem ocorrer mudanças e permanências no meio material e imaterial. Desta forma o objeto mostra-se e atua como um agente que é capaz de ligar o presente - vivido no hoje, pelos alunos - com o passado - vivido nos objetos e nos relatos de seus parentes - e indicar que o homem não é um ser atemporal, mas possui um passado, que este passado tem relação com o presente de onde surgem as dúvidas que buscam respostas neste mesmo passado.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Desafios da relação museu-escola*. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4369/4079>>. Acesso em: 30 jul. 2012

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (desconhecimento). *Anais do Museu Paulista Nova série*, N. 1, 1993.

MOUTINHO, Mario Canova. *Construção do objeto museológico*. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/244/153>>. Acesso em: 30 jul.2012

NASCIMENTO, Rosana. *O objeto museal como objeto de conhecimento*. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/304/213>>. Acesso em: 30 jul.2012

PIACENTINI, Telma Anita. *Museu do Brinquedo: espaço de imaginação e memória da infância*. Disponível em <[http://www.gedest.unesc.net/seilacs/museu\\_telmapiacentini.pdf](http://www.gedest.unesc.net/seilacs/museu_telmapiacentini.pdf)> Acesso em: 30 jul.2012

PORTO, Cristina Lacleite. *O Brinquedo como objeto de cultura*. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165801Jogos.pdf>>. Acesso em: 30 jul.2012

RAMOS, Régis Francisco Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Editora Argos, Chapecó, 2004.

### 3.4. BREVE HISTÓRIA DO CINEMA DE LONDRINA - PARTE 2

*Luís Henrique Miotto\**

#### **Resumo:**

*Este texto apresenta a parte final do breve relato sobre os realizadores do cinema em Londrina. Tal texto surge como um dos resultados do evento “Mostra Londrinense de Cinema e Memória”, realizada no Museu Histórico de Londrina e organizada pelo Cineclube Ahoramágica, AlMA e o Museu Histórico, em novembro de 2012.*

**Palavras-chave:** *Cinema de Londrina; Cinema e memória.*

#### **Os Primeiros Ficcionistas, os Primeiros Cinéfilos**

Em 1954 foi filmada a primeira ficção de Londrina (e possivelmente do Paraná), chama-se “Um dia qualquer”, um pequeno filme de aproximadamente 10 minutos, em 16mm em P&B, realizado pelo médico **Orlando Vicentini** (1916-1991), um filme sobre um dia corriqueiro em que três crianças brincam, se preparam para ir para a escola, estudam, sonham e vão dormir. O filme é bonito, singelo e simples, com atuação dos próprios filhos de Orlando, tendo como assistente na produção o filho mais velho, Archibaldo, que também atua no filme, na época ainda uma criança que acompanhava (um tanto contrariado) e auxiliava tecnicamente todas as filmagens do pai.

Orlando ainda finalizou mais dois filmes, o “Natal de 54”, uma pequena ficção sobre um dia de natal, também tendo como atores seus filhos e como cenário os cômodos de sua casa e “Londrina 1959”, um documentário poético e exultante sobre a cidade, filmado com lente cinemascope e com película colorida.

Todos os filmes de Orlando estavam guardados em seu suporte original junto à família, porém quando fomos acessá-los para exibí-los na “Mostra londrinense de Cinema e Memória”, auxiliados por Archibaldo,

---

\*- Historiador e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Cineclube Ahoramágica. Professor e pesquisador na área do Cinema e cineasta. luismiotto@yahoo.com.br

percebemos que elas estavam todas misturadas a trechos de outros filmes inacabados e películas de registros do cotidiano da família que Orlando tinha feito. Iniciamos um processo de recuperação e digitalização do acervo, conseguindo digitalizar os dois filmes “Um dia qualquer” e “Londrina 1959”, não sendo possível no momento localizar grande parte das cenas que compõem “Natal de 1954”. Os filmes digitalizados estão disponibilizados no Museu Histórico de Londrina, bem como todo o equipamento utilizado por Orlando (câmeras, lentes, projetores, etc.).

Vicentini foi o primeiro cineclubista da cidade, junto com seus amigos, alugavam películas de filmes vindos de São Paulo, que chegavam pela via férrea, para uma sessão entre amigos. Archibaldo contou-nos que Orlando construiu a sua casa para ter uma estrutura para as projeções das películas, trazia filmes - principalmente do cinema francês - que não circulavam nos cinemas da cidade. Procurava a pesquisa estética autodidata do cinema, assinava revistas européias especializadas na temática, em seus filmes explora as fusões, câmeras lentas e rápidas, efeitos. Apenas não aprofundou seus estudos e desenvolveu suas realizações por falta de tempo, devido a carga de trabalho na profissão de médico.

**Vicente José Lorenzo Izquierdo** (1924-2000) era um destes amigos cinéfilos de Orlando Vicentini e é o maior ficcionista da história do cinema londrinense. Enveredou-se pelo cinema por prazer, para incentivar o riso e a diversão, sem a pretensão de ser profissional, ou de inscrever o seu nome na história do cinema, era ortopedista de profissão. Envolveu amigos e família em suas criações, sua esposa, Victória, coescreveu vários de seus roteiros. Quase todos seus filmes com histórias fantásticas, ficções científicas, casos policiais, feitos com os recursos, estrutura e a paixão que tinha em mãos.

Suas primeiras ficções são de 1961, suas últimas obras são de meados da década de 1980, grande parte dos seus filmes é colorida, com falas, trilha sonora. Realizou mais de 15 filmes, todos curtas-metragem, alguns em 16mm outros em 8mm e Super-8. Todos os filmes estão em posse da família em seus suportes originais. Na “Mostra londrinense de Cinema e Memória” foi exibido o filme “Gênesis” (de 1983), intensamente experimental, tem como tema uma raça humana pura que nasce dentro de uma estufa de plantas e que depois entra em crise, interpretada em grande parte por atores do grupo de teatro “Proteu”.

Izquierdo foi um dos fundadores da ALCA - Associação Londrinense de Cinema Amador, que existiu durante a década de 1970 (foi criada em 1976), grupo que organizava sessões cineclubistas, exibições e debates

sobre o cinema, realizava filmes e que chegou a realizar cursos teórico-práticos de Super 8.

Um dos principais participantes (sendo o primeiro presidente) da ALCA foi **Raul Zanketi**. Cinéfilo, criou a Zanketi Produções Cinematográficas, chegou a realizar apenas uma ficção curta-metragem, trabalhava mais com filmagens de festas e casamentos, também fazia trabalhos para TV e comerciais. Zanketi colaborou em algumas produções de Izquierdo e, em meados da década de 70, escrevia uma coluna sobre cinema para o jornal Folha de Londrina intitulada “Super 8”.

### **O Cinema Contemporâneo de Londrina**

Em 1987 foi rodado o primeiro longa-metragem ficcional da história do cinema londrinense, “Legal Paca”, película colorida, sob a direção e roteiro de Antônio Pereira Dias. O filme conta a história de um fazendeiro que, afundado em dívidas, vende suas terras para pagá-las, desempregando quase trezentas pessoas. A partir daí, o Jeca-Tatu passa a interferir na situação. “Legal Paca” teve sua pré-estréia em Londrina, a 23 de março de 1988, no Cine-Teatro Ouro Verde. As filmagens ocorreram no patrimônio Regina, em Londrina. No elenco, somente atores locais: Antônio Pedro da Costa Filho (Jeca-Tatu), Lázaro Câmara, Francisco Salles, Antônio Cardoso, Salete Vick Turi, Matãozinho, José Domingues, Izilda Ferreira, José Carlos Stuani, Lázaro Antônio Filho, Terezinha Ferreira, Benê Costa e Sofia Carvalho. O filme foi exibido apenas na região e não se sabe se existe alguma cópia disponível em vídeo ou em película. (GROTA, 2009).

No início da década de 1980, foi realizado um curta-metragem em parceria entre Universidade Estadual de Londrina e o grupo de teatro Proteu, inspirado em um trecho do livro “Grande Sertão: Veredas”, dirigido por Nitis Jacon e Plínio W. Bortolotto, que circulou por alguns festivais universitários.

Em 1998, é criada a Mostra Londrina de Cinema e um dos organizadores, no mesmo ano, traz profissionais de São Paulo para uma oficina de Super 8, que resultou no curta “De repente numa tarde”.

Em dezembro de 1999, os responsáveis pela Oficina voltaram à cidade e realizaram um curta em 16mm, preto-e-branco, finalizado apenas em junho de 2003: “Saudade”, dirigido pelos paulistas Sérgio Concílio e Vera Senise, produzido por Caio Cesaro. O filme acabou

sendo ampliado para 35mm graças a recursos do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic). Em outubro de 2000, finalmente uma produção em 35mm em Londrina: o curta “Cine-Paixão”, novamente com produção de Cesaro e direção de Concílio e Senise, trouxe à cidade a atriz Ingra Liberato.

Em 2002, com um orçamento de aproximadamente R\$ 9 milhões, Tizuka Yamazaki rodou em Londrina e região o filme “Gaijin 2”. Mesmo com um apoio da Prefeitura local (que à época fez um repasse de R\$ 440 mil à produção), não se pode considerar “Gaijin 2” um filme autenticamente londrinense, pois a maior parte das pessoas que estavam nas posições centrais deste filme estavam em Londrina apenas de passagem. Dessa forma, “Gaijin 2” seria mais um filme rodado parcialmente em Londrina do que um filme, autenticamente, londrinense. O filme conta a história dos imigrantes que vieram para Londrina, focando na saga dos japoneses, com uma estética melodramática e quase épica, com forte trabalho na criação artística, chegando a construir cidades cenográficas da década de 30.

Em julho de 2003, após uma Oficina de Realização em Cinema em Super 8, foi criada a **Kinoarte** – Instituto de Cinema e Vídeo de Londrina, uma associação cultural sem fins lucrativos, de utilidade pública municipal, interessada em atuar em quatro áreas: produção, exibição e preservação de filmes, além da realização de projetos de formação audiovisual. O grupo realizou mais de 30 filmes nos mais variados suportes (35mm, HD, HDV, mini-DV, super-8), conquistando mais de 50 premiações em festivais nacionais e internacionais. A instituição também coordena a “Mostra Londrina de Cinema”, festival mais antigo do Paraná e que em 2012 chega à sua 14ª edição. Em 2008, também, foi criada a Mostra Marília de Cinema, ampliando a atuação do grupo para o estado de São Paulo. Entre outros projetos, estão a Kinoarte Mostra Curtas (exibição semanal de curtas em escolas e centros culturais), o Kinoclube (cineclube do grupo) a revista “Taturana” (publicação trimestral sobre cinema) e as Oficinas Kinoarte (cursos de apresentação e criação cinematográfica). Atualmente, o grupo se vincula a uma produtora, a Filmes do Leste e está em processo de produção do seu primeiro longa-metragem.

Desde 2004, circula por Londrina o **Cineclube Ahoramágica**, grupo que além de buscar a divulgação e exibição de filmes da maneira mais aberta possível, realizando um marcante e intenso exercício de cineclubismo em vários cantos da cidade, também vem realizando obras de experimentação audiovisual e documentários em parceria com

movimentos comunitários e espaços culturais e com temáticas voltadas para discussões sobre a memória social, a subjetividade periférica e a poesia cotidiana, entre outros temas. O grupo, desde 2009, realiza cursos de apresentação do mundo cinematográfico abertos à população. Está em processo de finalização do segundo documentário longa-metragem.

Outros grupos e produtoras de cinema vêm surgindo nos últimos anos (como a RGB7 Cinema e a Clareira Filmes) e vários realizadores autônomos vêm aplainando seus caminhos nesse território, muitos tendo passado pelos cursos de cinema citados e em cursos de audiovisual em Faculdades Particulares. A dimensão se amplia, as possibilidades de realização estão cada vez mais às mãos.

## BIBLIOGRAFIA

BONI, Paulo César; FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. Hikoma Udihara: um imigrante colonizador inaugura o cinema no norte do Paraná. Doc. On-line: *revista digital de cinema documentário*, n. 09, Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es>>. Acessado em: janeiro de 2013.

CESARO, Caio Júlio. *Memória: Produção Cinematográfica em Londrina*. Monografia do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Universidade Estadual de Londrina. Ano: 1995.

CESARO, Caio Júlio. Memória e identidade regional no cinema de Hikoma Udihara. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.3, n.3, 2007, pp. 97-112.

FREITAS, Carina Dias & JUNIOR, Luiz Antônio Bartelli. *A Última Sessão de Cinema: histórias e crônicas das salas de cinema em Londrina*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná. Londrina, 2006.

GROTA, Rodrigo. Revista Taturana. 4ª edição. Kinoarte. 2009.

HARA, Tony. *Cinema de Cavação - o Lado B das películas*. Disponível no blog Doc.Londrina: <<http://www.doclondrina.blogspot.com>>. Setembro de 2012.

## PÁGINAS VIRTUAIS

<http://www.cinemadelondrina.blogspot.com>

<http://www.kinopusaudiovisual.com.br>

<http://www.doclondrina.blogspot.com>

<http://www.cineclubesdelondrina@blogspot.com>

<http://www.ahoramagica.blogspot.com>

<http://www.kinoarte.org>

#### 4. ENTREVISTA

31

Entrevista

##### MARIA ADAM CALDANA

Nasceu nos Estados Unidos, Maryland em 3 de Janeiro de 1911, filha de pais eslovenos, João Adam e Maria Gerard Adam.

Chegou em 1923 no Brasil com 12 anos, desembarcou no porto de Santos do navio Cezar Batisti, depois de 28 dias de viagem. Casou-se em Birigui com 22 anos com João Caldana e vieram para Londrina em 1932.

Faleceu em 16 de setembro de 2013.



## Trechos da Entrevista

---

“[...]

**BDB:** Qual a impressão que a senhora ficou do Brasil ao desembarcar?

**MAC:** Nós ficamos com medo porque vimos preto né, Lá num tem preto, nós vimos preto rodeamos tudo em volta da mãe.

**BDB:** O que a senhora achava que era o preto?

**MAC:** Era uma coisa diferente né, que a então tava tudo em volta da mãe. E lá em Santos é quase só preto que trabalhava no porto né.[...]

**BDB:** Seu pai já estava acomodado nessa fazenda?

**MAC:** Que acomodado nada! Aí, meu pai não fazia nada, minha mãe chorô, chorô, minha mãe, entro numa casa, janela era de tábuas, fogão era um monte de tijolo, que minha mãe deixou uma casa lá, com roupa e tudo, guarda roupa e tudo, aquela, aquela cozinha bonita na Europa, aquele fogão lindo e aqui num tinha nada, daí meu pai fez uma mesa de tábuas ele num deu conforto prá minha mãe, nunca não, minha mãe sempre sofreu, sempre.[...]

**BDB:** E a senhora estudou?

**MAC:** Não, aqui meu pai não deixou estudar, o que eu estudei foi em casa lá na Europa, na escola lá, né, até terceiro ano, malemá da pra mim lê um pouco. Agora não porque eu não enxergo mais. [...]

**BDB:** Qual era o nome do seu sogro?

**MAC:** Jacomo Lolata, ele é um homem que podia né, viemos prá Londrina, meu sogro falou aí você pode trabalhar, vai derrubar o sítio, sítio ficava lá em cima perto do... como é que é ô Zé? lá prá cima.

**ZÉ:** Autódromo.

**MAC:** É lá era o sítio do meu sogro, aí meu marido ia lá com medo, aquele caminho tudo escuro, num tinha nada, sorte que tinha Antonio Faria, ele tinha uma pensão.[...]

**BDB:** Como era a cidade quando a senhora chegou?

**MAC:** Aí fia tudo aquelas casinha de parmito coberta com taboinha né. Mas nossa casa, que meu sogro fez tava bem fechada e tudo mais, o chão ele fez pra por assoalho mais não coloco assoalho, então, naquelas vigota aqui por dentro, aí eu sofri, esperando menino, sofri, num tinha cama prá dormi, fez cavalete, lá estendeu um lençol pra mim dormi em cima do cavalete. [...]

**BDB:** Os filhos da senhora estudaram?

**MAC:** Sim, as menina era no Mãe de Deus e o João também, aquele tempo pegava os menino lá.[...]

**MAC:** [...] Frei Nereu, aí viero aqui, fizeram igreja, fizeram escolinha. E esse Frei Nereu que tinha mais um Frezinho, coitado pobre, pobre, que ele se costurava sozinho a batina, daí ficou a igreja até hoje, só que tá maior né.

**BDB:** Essa igreja que a sr<sup>a</sup> falou

**Zé:** É a Nossa Senhora de Lourdes

**BDB:** Nossa Senhora de Lourdes, é a igreja, Nossa Senhora de Lourdes dona Maria?

**MAC:** É

**BDB:** Lá na vila Siam ?

**Zé:** Vila Siam

**BDB:** Na vila Siam, lá pro lado do aeroporto, né

**Zé:** È isso, atrás da mesquita dos mulçulmanos, ali

**BDB:** Isso mesmo

**MAC:** Ele deu bastante terreno, meu sogro[...]"

## 5. ASAM

### O Museu é 10

Como se pode imaginar, muitas necessidades do Museu não estão previstas no orçamento da UEL e também não são contempladas pelos editais das instituições públicas.

Mas elas existem, e em geral são emergenciais. Por esse motivo é necessário que a ASAM possua um caixa para atendê-las. Para isso os voluntários promovem alguns eventos com a finalidade de arrecadar recursos. Assim, no ano de 2004, em parceria com a ANEL, foi promovido um Leilão de Gado Nelore Elite que nos permitiu arrecadar recursos suficientes para a instalação do ar-condicionado central em todo o piso inferior do Museu.

O “Chá entre os Amigos do Museu” realizado anualmente, rende recursos suficientes para organização de festas como o Dia do Pioneiro, para o fornecimento de lanches a grupos artísticos que vem se apresentar no Museu, para lanches servidos a escolares, para coquetéis de abertura de exposições, para a festa de Natal, etc.

Fica claro que apenas a promoção de eventos, que são atividades de risco, não nos dá a segurança de manter dinheiro em caixa. Por esse motivo criamos o projeto “O Museu é 10”, convenio com a SERCOMTEL, que consiste no débito automático de R\$10,00 (dez reais) na conta telefônica mensal, devidamente autorizado pelo usuário. Com essa doação mensal o cidadão torna-se sócio contribuinte da ASAM.

Atualmente essa arrecadação chega a R\$700,00 (setecentos reais) mensais, mas nossa meta é atingir mil doadores, número que não é muito ambicioso se considerarmos a facilidade de participação, o pequeno valor da doação e a grande população do município. Convidamos você, que nos lê neste momento a participar do projeto entrando em contato com o Sr. Cesar na secretaria do Museu Histórico, telefone (43)3323-0082.

*Maria Lopes Kireeff*  
Associação dos Amigos do Museu

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
  - Título;
  - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
  - Resumo – máximo 50 palavras;
  - Palavras-chave - até 6 palavras;
  - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
  - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
  - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.
2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
6. Contato:
  - Fone: (43) 3323-0082 / bibmuseu@uel.br

# EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

## **Direção**

Profª Drª Regina Célia Alegro

## **Secretaria**

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Técnicos-Administrativos:

Amilton Batista Cardoso

Ivo Augusto Assumpção Siqueira

Projeto Aprendiz:

Ana Carolina da Silva Candido

Lucas Eduardo Alves

## **Equipe de Apoio**

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Diva Barbosa da Silva

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

## **Setor de Ação Educativa**

Técnica Administrativa:

Edeni Ramos Vilela

## **Setor de Biblioteca e Documentação**

Bibliotecárias:

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

## **Setor de Comunicação Social**

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

## **Setor de Imagem e Som**

Técnicas em Assuntos Universitários:

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

## **Setor de Museologia**

Museóloga: Gina Esther Issberner

Técnico em Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

## **Estagiários**

Amábyle Desirée Chanton do Prado | Amanda Cristina Martins do Nascimento | Amanda Camargo Rocha

Amanda Cristina Martins do Nascimento | Ana Luisa Coradi | Aryane Kovacs Fernandes

Eurípedes Simões de Paula Junior | Felipe Augusto Leme de Oliveira | Felipe de Almeida Neto

Fernando Henrique Magri | Gabriella Gomes Salgado | Gisele da Silva Oliveira

Guilherme Bergamin da Luz | Jaqueline dos Santos | Juliana Souza Belasqui

Kawanni dos Santos Gonçalves | Leonardo Augusto de Lima Silva | Leonardo Rosa Mantovani

Liana Natsumi Miura Kaneta | Lucas Gabriel da Mata | Luis Henrique Mioto

Marco Vinicius Patrocino | Osvaldo Fiorato Junior | Pedro Henrique Dutra Donega

Priscilla Perrud Silva | Priscila Rosalen Pasetto de Almeida | Raul Cesar Bueno

Taiane Vanessa da Silva | Tamiris Helena Doratiotto Baldo | Thiago Machado Garcia

Vagner Henrique Ferraz | Vanessa Caroline Mauro

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350

(43) 3323-0082 - [museu@uel.br](mailto:museu@uel.br)





Exposição:  
**POVOS INDÍGENAS NO  
 NORTE DO PARANÁ**

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

PROMOÇÃO

MUSEU HISTÓRICO  
 DE LONDRINA

Curso de Especialização  
 Patrimônio e História. UEL

Universidade  
 Estadual de Londrina